

‘O mar de outrora & poemas de agora’, de Ronaldo Werneck

Zeh Gustavo

abr 10, 2015



Não há discussão mais tola – e reveladora – do que a que força estabelecer uma hierarquia literária que dividiria o mar de autores entre aqueles seres superiores que fundam (?!) uma linguagem única, *fuderosa*, a-tal – e aqueles *nosotros*, submetidos e indignos, que continuariam o trabalho desses deuses pioneiros, diluindo-o entre suas próprias obras. Sim, tem autor de literatura que se acha ainda maior que juiz, nesse Brasilão de palavrear tão mal resolvido.

Tal discriminação é tola porque se origina sobre a tábula rasa do mero preconceito e defesa de patrimônios literários – quer sejam estes apenas lugares provisórios junto a algum cânone, ainda quando este é negado. Escriba que preze o verbo que cospe se emancipa de suas influências na medida em que as afirma e se arrisca, franco, no jogo de manipulá-las a seu bel-prazer e fazer. Assim, uma linguagem literária nunca é, mas se *torna* própria. A

hierarquização chinfrim também revela, para além do jugo e da subalternidade consciente ou inconsciente ao cânone, o grau de imaturidade presente no dito *meio literário*, que aflige até escritores avessos ao *panelê* dos prosadinhos de gabinete. Para fechar, toda essa problemática insana mostra ainda o quanto ainda têm a ensinar os sambistas brasileiros aos nossos *dotô*. Eu pelo menos nunca vi nenhum compositor de samba apontar o dedo para outro, em acusação: “Você não passa de um diluidor de Cartola!!!”. A cena é inimaginável e, se ainda assim vier um dia a acontecer, provocará muita troça para cima do inquisidor de plantão...

Esta resenha se permitiu introdução longa justo para prenunciar a liberdade do voo-em-águas verbais que move a escritura de “O mar de outrora & poemas de agora”, de Ronaldo Werneck, liberdade obtida da alquimia entre elementos líricos que sustenta uma identidade literária fluida, em transe-trânsito, nunca-pedra. O mar de palavras de Werneck bate e rebate. *Ondifica-se* e estoura adiante, ontológico em sua antologia de si, pelas cidades, ao léu do mundo. Mais que de influências, compõe-se, sem autocensuras, de *afluências*, como um “novelo / fio fiapo rolamento azul / (...) indefinito” (p. 37). Ou um “trem azul” de mineirice brejeira assumida, não fosse Cataguases (uma “cidade do *exterior* mineiro”, diz o autor em uma das apresentações, e o grifo é meu) referência obrigatória para quem visita, qual um turista em deslocamento de seus eixos, o livro de Werneck.

O movimento é nítido e singular, neste “marzão poépico”, como diz Antônio Jaime Soares, em outra das apresentações. Carrega neologismos porque habita noutra lógica. Configura e perpetua um “marvimento” de forte mistura sígnica – como se a profusão de línguas neolatinas de que se utiliza o poeta derramassem em mesmo fundo oceano, navegado em língua viva, sob a liderança eventual, “desgoVeRnada”, do uso linguístico luso-brasileiro (p. 63-64):

(...) la mer aussi

se taisait

lumière étincelante

et froide

doucement à battre

o mar e seu lençol

de chão suspenso

de areia e ser

tão claro e tenso

cabralino-denso (...)

Camões é acompanhado, nessa *poépica* que apreende seus afluentes pelo caminho, de Camus, Mallarmé, Haroldo e Augusto de Campos, Mário Faustino, Ezra, Jorge de Lima, Leila Diniz... Pelo mesmo mar que “bate música / vaga de silêncio no vão dos intervalos” (p. 68), em que, “(...) quilha contra as ondas, rumo ao mar divino, içamos / mastro e vela sobre a neve negra, / ovelhas a bordo, e também nossos corpos (...)” (p. 71-72).

Navegante, é o *eu* que se solta e se retrai entre ondas que o levam e trazem, retratando-o no espelho-monte imenso de águas, em enunciação: “lento mar monumento a barlavento / sol sal sopra / de maré de si de mim de outrora / vaga aqui na mesa onda que entorna / e escorre grave onde escrevo mar” (p. 81). É “orfeu / que emerge / odisseu à tona” (p. 85).

Como se ancorassem em porto (sempre) provisório, seguem-se ao poema épico intitulado “Mar de outrora” os chamados “Poemas de agora”, talvez a *outra* de uma dupla face: a do poeta que se aterra/interna num suposto *hoje*, em alguma “antemanhã / (que) reluz / a mata / o morro / o mundo” (grifo meu, p. 92), pois “tintas fortes / compõem a lida” (p. 94). Mantém-se, ainda, na linha d’ “a curva do rio / e da vida / as ruazinhas // distantes / do centro / e da memória” (p. 95).

Ao passo que se evidencia a saudade de um mar – anterior à descoberta suas margens? –, infla-se de amor o poeta que dialoga, setentão, com o tempo. Quase criança a “nadar no mato correr cachoeira” (p. 114). Ou pouco mais que adolescente: “vamos fazer uma coisa legal / (...) / que tal uns drinques finos hein? que tal?” (p. 116).

À vida racionada que flagra de Nova York (“do alto do império são formigas / as gentes grandes carros de brinquedo”, p. 134), o poeta contrapõe a liberdade em périplo, o que faz retomar, afinal, o mar *indefinito* que não ousa abandonar. Praia na mão, cabe ao leitor deixar fluir seu olhar pelas páginas de “O mar de outrora & poemas de agora”, que contêm ainda material fotográfico auxiliar para tentativas de “mar-mergulho” segundo o mapa da “descida / mar-lenda / mar que se inventa” (p. 80). Cosmo e caos dialogam, portanto, em um sussurrar imbricado, pelo oceano literário de corpo criativo próprio, lúdico e assumidamente híbrido de Ronaldo Werneck. É o poeta e seu gesto audaz, em forma de livro leve, palavra livre, que se bastam.

O mar de outrora & poemas de agora

Ronaldo Werneck

Anome Livros, 2014

176 pg.

Zeh Gustavo é músico e escritor. Vencedor do Prêmio Lima Barreto de Contos 2014